

Sarney faz discurso de conciliação

Em mensagem ao Congresso, Presidente prega diálogo e entendimento

Lucena reabre Congresso com apelo à paz

A defesa da soberania da Constituinte será feita hoje, na sessão solene de reabertura do Congresso Nacional, pelo seu presidente, senador Humberto Lucena (PMDB-PB). Ele irá condenar o confronto, sustentar que o Governo não pode interferir na Constituinte, e manifestar sua convicção de que é prioritária a definição do sistema de governo e do mandato do presidente José Sarney para que a Assembléia passe a trabalhar em clima de tranquilidade e o País ganhe estabilidade política.

O senador também vai conclamar os políticos a contribuírem para o desarmamento dos espíritos e propor que o Governo, os partidos políticos e segmentos da sociedade civil sentem-se à mesa para um entendimento nacional sobre a economia, nos moldes do Pacto de Moncloa, celebrado na Espanha. O presidente do Senado afirmará ainda que é ao Congresso que cabe a fiscalização dos atos do Governo, e defenderá a transferência absoluta dos debates sobre a conjuntura política, econômica e social para as sessões da Câmara e do Senado, a fim de que a Constituinte fique livre para deliberar sobre a nova Carta.

Lucena chegará ao Congresso pouco antes da sessão. Junto à rampa, a Banda Sinfônica do Batalhão da Guarda Presidencial executará a primeira parte do Hino Nacional. Uma salva de 21 tiros será disparada pelo 32º Grupo de Artilharia de Campanha, de 5 em 5 segundos, coincidindo o último tiro com o final da execução do Hino Nacional. Em seguida, Lucena passará em revista o Batalhão da Guarda de Honra, fará uma saudação à Bandeira do Brasil e subirá a rampa acompanhado pelos diretores-gerais e secretários-gerais da Câmara e do Senado.

A mensagem que o presidente José Sarney encaminha hoje ao Congresso Nacional, na reabertura de seus trabalhos, deve ser entendida como "uma profissão de fé no entendimento político", segundo um assessor do Palácio do Planalto que participou da revisão do texto. Nela, o Presidente renova "o mais profundo apreço e a mais íntima admiração pelas duas Casas do Legislativo" e lembra que foi nelas que formou sua personalidade política e aprendeu que "a defesa ou a condenação de idéias não é obstáculo à convivência civilizada entre pessoas de diversas formas e convicções".

O Presidente refere-se ainda ao Congresso Nacional como "fórum intransferível onde se disputam todos os interesses que tecem a vida social e, sobretudo, o sítio do diálogo necessário, o espaço desarmado dos que se armam apenas de intenções democráticas". Sarney, que nos últimos programas Conversa ao Pé do Rádio tem assumido uma postura ofensiva em relação aos constituintes, afirma em sua mensagem que "o compromisso de respeito ao conflito é uma petição de boa vontade e não, como muitos pensam, uma forma de acirrar ânimos".

Sarney diz ainda ter consciência de que o Poder Executivo durante os três anos de seu governo — "mesmo lutando com crises de antecedentes seculares" — procurou lançar as bases de um comportamento voltado prioritariamente para as camadas menos as-

sistidas da população e empenhou-se em criar o mais amplo espaço político possível para o debate, a controvérsia e o conflito bem-intencionado.

Ele relembra que não escolheu ser presidente, foi lançado a este destino. Rememora o trauma político da morte de Tancredo Neves e faz uma retrospectiva da Aliança Democrática, "imposta pelo interesse nacional", para dizer que procurou estar à altura do desafio lançado à sociedade brasileira.

— Conciliador por temperamento e avesso, por natureza, à extravagância dos delírios de afirmação pessoal, decidi com as diretrizes traçadas e as pessoas escolhidas por Tancredo Neves. E o fiz enquanto foi possível dividir, com os partidos que me apoiavam, a responsabilidade pelas medidas, certas ou erradas, que a administração adotava. De responsável máximo pelas decisões do Governo, tornei-me responsável único, porque não busco, nem me cabe subtrair-me do julgamento da História e de meus concidadãos — afirma Sarney.

Como sempre acontece neste tipo de mensagem, o Presidente faz um balanço das atividades de seu governo além de expor as metas de sua administração para o ano de 1988. O tom da mensagem é ameno, como aliás deveria ser, e não há qualquer alusão a questões polêmicas do tipo duração de seu mandato ou sistema de governo. Matérias que serão proximoamente votadas pela Constituinte.

Campanha magoa Presidente

O presidente José Sarney está profundamente magoado com a campanha promovida por alguns setores da Constituinte visando, segundo acredita, à desmoralização do seu Governo, e não pretende assisti-la de braços cruzados. Esta disposição ele manifestou ao deputado Ulysses Guimarães durante a conversa que os dois mantiveram no último domingo, no Palácio da Alvorada.

Segundo relato de um amigo de Ulysses, o Presidente da República teria reclamado longamente da generalização de denúncias de corrupção no seu Governo. O deputado por sua vez, preferiu aproveitar a conversa para reiterar a sua determinação de desacelerar os trabalhos da Constituinte. As queixas de Sarney contra setores políticos reunidos na Assembléia, ele respondeu garantindo que até o dia 21 de abril a nova Carta deverá estar concluída.

GIVALDO BARBOSA



Sant'Anna no Planalto: o Governo quer espaço para se defender na tribuna

Governo pede espaço para defesa

O Governo quer conquistar um espaço na Assembléia Nacional Constituinte para que seu líder, deputado Carlos Sant'Anna, responda a todas as críticas feitas da tribuna pelos parlamentares. Apesar das dificuldades regimentais para ceder esse tempo, o presidente Ulysses Guimarães começou neste final de semana a admitir que tal concessão poderia atenuar as dificuldades de relacionamento entre o Executivo e o Legislativo.

Numa conversa, sábado, com o líder Carlos Sant'Anna, o presidente Ulysses Guimarães alegou que a fala de um deputado ou senador contra o Governo não pode ser tomada, como vem acontecendo, como ataque da Constituinte e, sim, como algo individual. De qualquer modo, como ele não deseja abrir às sessões da Câmara para resposta, porque acha que seria paralelismo, poderá ceder com relação às sessões da Constituinte.

Ontem, o líder Carlos Sant'Anna disse que o encontro dos presidentes José Sarney e Ulysses Guimarães serviu para melhorar as relações do Executivo com o Legislativo. Tanto assim que ele assegurou que o Presidente da República acatará o que a Assembléia Nacional Constituinte decidir em termos de mandato.

Entretanto, bateu na tecla da necessidade de se conquistar espaço para a resposta aos ataques feitos ao Governo, lembrando que a versão do governo precisa sair imediatamente. Do contrário, admitiu que outros meios serão utilizados de fora para dentro, numa clara referência ao fato de que o presidente José Sarney sempre se valerá não só do programa semanal Conversa ao Pé do Rádio, como de outras fórmulas capazes de atenuar os ataques.

Para Carlos Sant'Anna, só a cessão do espaço à liderança do Governo seria capaz de restringir os debates, críticas e acusações, bem como defesas e o contraditório, à Assembléia Nacional Constituinte. E por isso que vem insistindo com o presidente Ulysses Guimarães para que responda a uma questão de ordem formulada por ele há 10 dias, na qual reclamou da falta de condições para responder a tanto ataque, inclusive pessoal, à figura do Presidente da República.

ATAQUES

Ao deixar ontem o Palácio da Alvorada, depois de cumprir o seu despacho semanal com o presidente José Sarney, Carlos Sant'Anna, afirmou que o confronto existente entre os Poderes

Executivo e Legislativo só vai cessar se a tribuna da Assembléia Nacional Constituinte for utilizada para discutir somente os assuntos constitucionais, e não para fazer críticas à atuação do Governo.

Atualmente, os horários pinga-fogo estão sendo utilizados pelos líderes dos partidos, especialmente dos chamados pequenos, para ataques diretos e frontais ao presidente Sarney. Sant'Anna sugere que a tribuna política seria ocupada somente nos horários de funcionamento do Congresso Nacional. O presidente Sarney, em respostas às críticas que vem sofrendo, acusou os parlamentares de "minorias radicais", em seu programa semanal Conversa ao Pé do Rádio, da última sexta-feira.

A idéia de Sant'Anna surgiu durante o seu despacho com Sarney, com quem debateu, durante cerca de 40 minutos, os problemas surgidos entre os dois Poderes. Ele acha que a trégua firmada por Sarney e o deputado Ulysses Guimarães, presidente da Constituinte, é muito frágil, e por isso não vai resistir aos arroubos dos parlamentares oposicionistas.

Sant'Anna observou que o Governo, sentindo-se acuado na Constituinte, foi obrigado a responder às críticas.

ArtCunha
VISTO, LIDO E OUVIDO

Direitos demais e poucos deveres

A nossa Constituinte não está querendo fazer uma Constituição duradoura. Senão, não entraria em tantos detalhes como o capítulo dos direitos dos trabalhadores. Muita coisa é de lei ordinária, e sobrevive conforme a necessidade ou a relação entre o capital e o trabalho. Assim, dar 120 dias à gestante, e oito dias para o marido, pode ser uma ação social de boa vontade, mas de pouco entendimento para a clareza das coisas.

Da mesma forma, dar igualdade entre os trabalhadores registrados e os avulsos é um avanço social mas, na prática, vai ser difícil se fazer cumprir tudo isto.

Fazer no papel é fácil, mas o legislador antes de tudo precisa entender que a execução é a melhor parte da lei. Ela pode ser a melhor do mundo, mas se sua execução é deficiente ou impossível, fica muito pior, porque o trabalhador vai interpretar o fato como engodo contra seus direitos.

Entfim, a nossa Constituinte está colocando o trabalhador num pedestal onde ele não poderá ficar por muito tempo. O que temos a ver é a situação atual, porque toda lei é mutável e não se pode querer mesa farta em tempo de seca e de dificuldades.

História de Brasília

HOTEL NACIONAL — Estavam desmatando a área do Hotel Nacional, e a Pacheco Fernandes começava a construir os primeiros barracos do acampamento. Foi nesta ocasião que conheci o coronel Luiz Carlos Vieira, que superintendeu toda a obra desde o começo. Aqui e ali, Leo Tjours vinha de São Paulo, e nos encontramos no acampamento.

Nessa época, o jornal estava sendo construído, e um dos meus encargos era vender O Jornal e Diário da Noite, do Rio. Pela manhã, entregava nas bancas, e, à tarde, recolhia o encalhe e fazia a cobrança. Depois disso, voltava para o acampamento da TV Brasília, e antes passava pelo hotel.

Quase sempre, à tardinha, numa sala do baraco, a gente tomava um uísque com boa conversa. A obra do hotel sempre tinha visitas, como a nossa, e não raro todos se confraternizavam.

Desde antes da inauguração, portanto, frequentamos o bar do Hotel Nacional, ainda hoje um dos melhores pontos da cidade.